



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

THALITA MARIANA MOURA RIBEIRO

**“EIS AQUI A RECEITA”:
OS MANUAIS DE CONDUTA E A TESSITURA DA MULHER BRASILEIRA “IDEAL”
(1950-1960)**

Campina Grande – PB
Março de 2015

THALITA MARIANA MOURA RIBEIRO

**“EIS AQUI A RECEITA”:
OS MANUAIS DE CONDUTA E A TESSITURA DA MULHER BRASILEIRA “IDEAL”
(1950-1960)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de História da Universidade Federal de Campina Grande para a obtenção do grau de bacharel em História

Orientador: Iranilson Buriti de Oliveira

Campina Grande – PB
Março de 2015

RIBEIRO, T. M. M.

“Eis aqui a receita”: Os manuais de conduta e a tessitura da mulher brasileira “ideal” (1950-1960)

44 f.

Orientador Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira

Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Campina Grande, Curso de História, 2015.

1. Manual de conduta 2. Mulher 3. Brasil 4. Pudor



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

THALITA MARIANA MOURA RIBEIRO

**“EIS AQUI A RECEITA”:
OS MANUAIS DE CONDUTA E A TESSITURA DA MULHER BRASILEIRA “IDEAL”
(1950-1960)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Departamento de História da Universidade Federal de
Campina Grande para obtenção do grau de Bacharel em
História.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Regina Coeli Nascimento
Universidade Federal de Campina Grande

Dedico a todas as mulheres que embelezaram e viveram os códigos de pudor e as normas de conduta no Brasil dos Anos Dourados.

AGRADECIMENTOS

Agradecer: considero como uma das atitudes mais nobres e humildes dentre as boas maneiras. É a forma de dizer o quanto certas pessoas foram substanciais nas concretizações dos sonhos. Aqui, neste espaço, devo uma série de agradecimentos a algumas dessas pessoas, que sem elas o meu sonho de me consumir enquanto historiadora não seria possível, talvez até fosse, mas não da mesma forma.

Em primeiro lugar, devo meu profundo agradecimento a Deus, que com toda a sua luz e glória me abençoou e me ajudou a trilhar os trajetos que até agora escolhi. Ele foi o meu principal motivador e minha força. A ele dedico e agradeço por toda a minha felicidade.

Agradeço também a minha família, principalmente a meu pai, Carlos Antonio, não só por ter cedido sua coleção de livros: o manual “*Aprenda as Boas Maneiras*” que, conseqüentemente, se tornou minha fonte, como também por tudo que ele significa pra mim. Meu grande herói.

Agradeço também a meu irmão, Antônio Carlos, pelas muitas madrugadas que passou comigo, enquanto eu estudava, só para não me deixar só; você, meu irmão, foi e tem sido um dos grandes presentes que a vida me concedeu. E a minha mãe, Marijan Moura, pelos muitos conselhos concedidos e pela fé sempre depositada em mim, que um dia eu conseguiria.

Agradeço imensamente ao meu noivo, Iury Gregory, meu suporte, minha força, meu cúmplice e companheiro. Sempre muito compreensivo com minhas ausências e com meus estresses, me dando apoio e amor. A você, meu amado, muito obrigada por tudo.

Não posso deixar de agradecer aos meus grandes amigos de uma vida toda, Monique e Mayanne Albuquerque, Matheus Vítor, Jéssika Saraiva e Olga Elizabeth, pela compreensão de sempre, pela torcida frequente pelos meus êxitos, por tudo o que vocês são na minha vida, quando as coisas pareciam que não iam dar certo, vocês me abraçavam e, logo, eu voltava a acreditar.

E, não posso esquecer dos amigos que fiz na universidade e de uma maneira muito curiosa, tenho a sensação que os levarei também para a toda vida: Stephanie Dianny, minha grande companheira da História das Sensibilidades, minha maior amiga do curso, a ela devo muitos sorrisos e muita dedicação; Ayrton Adilson, por toda a amizade, carinho e força que você me deu durante esse tempo que nos conhecemos, com certeza foram substanciais para minha formação; Kláudio Medeiros, pelas risadas e apoio de sempre; meu amigo, Anderson Thelles, pela amizade sincera e pelo acalanto durante esses cinco anos de amizade, uma das

peessoas que mais me faz bem; e a Mateus Floresta, pelos conselhos, cuidado e apoio nos diversos momentos de minha graduação.

Agradeço também aos meus professores, meus mestres em todo o processo do curso, que me ajudaram na edificação do meu ser, me sinto lisonjeada por ter tido a oportunidade de aprender tantas lições com eles, grandes profissionais de boas índoles. Em especial, agradeço aos professores que foram padrinhos para minha formação, estiveram comigo nos projetos de pesquisa e, juntos, desvendamos muitas histórias: Luciano Mendonça de Lima, Alarcon Agra do Ó, Iranilson Buriti de Oliveira e Keila Quieroz e Silva. Assim como agradeço aos membros da secretaria, principalmente a Rosangela de Lima Santos, nossa querida Rosa, por sempre ter me ajudado e me salvado nas questões burocráticas da Instituição com tanto esmero e dedicação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu orientador, Iranilson Buriti de Oliveira, que foi um grande pai para mim durante a graduação, pacientemente me ajudou a entender e conhecer novos rumos no curso, como o da História das Sensibilidades, teve fé e perseverança para comigo em todo o tempo. É um verdadeiro exemplo de humanidade e dignidade.

“Tanto homens como mulheres deveriam se sentir livres para serem sensíveis. Tanto homens quanto mulheres deveriam se sentir livres para serem fortes. É hora de todos começarmos a entender o gênero com uma só visão ao invés de dois lados de ideais opostos.”

Emma Watson

RESUMO

O século XX caracteriza-se por movimentos que geraram constantes mudanças nas sociedades, seja na mudança de valores, costumes ou práticas sociais; contudo, a Literatura vem acompanhando essas mudanças e evidenciando esses processos em todos os aspectos. O objetivo dessa pesquisa é pensar na construção comportamental da mulher no Brasil, nas décadas de 50 e 60, através de conceitos chave de Roger Chartier, como o de leitura, apropriação e representação. Para isso, pretende-se analisar as mudanças e continuidades no papel da mulher brasileira, a partir dos manuais de conduta "*Aprenda as Boas Maneiras*" e "*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*", as normas comportamentais de etiqueta das mulheres, que eram compreendidas como seres idealizados, construídas, historicamente, como modelos responsáveis pela felicidade conjugal e social, implicando em expectativas quanto aos seus papéis regulamentados por estes manuais, visto que essas mulheres estavam ingressando no mercado de trabalho nos anos entre 1950 e 1960 no Brasil.

Palavras-chave: Manual de conduta. Mulher. Brasil. Pudor.

ABSTRACT

The 20th century is characterized by movements that created constant changes in society, changing values, habits or social practices; however, Literature has been following these developments and making these processes more evident in all aspects. The objective of this research is to put in thought the behavioural construction of women in Brazil, in the 1950's and 1960's through key concepts of Roger Chartier, such as reading, appropriation and representation. With that in mind, it is done an analysis of the changes and continuity in the role of the brazilian woman, observing the conduct manuals "Learn Good Manners" and "What Every Housewife Should Know", the norms for female etiquette, that were comprehended as idealized beings, constructed, historically, as models responsible for marital and social happiness, which meant there were expectations as to what her regulated roles were, according to these manuals, seen that these women were entering the workplace in the 1950's and 1960's in Brazil.

Keywords: Conduct manual. Woman. Brazil. Pudency

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Chás - Cafés - à Saída.....	19
FIGURA 2 - Cuidado com os livros.....;	21
FIGURA 3 - Mulher se impondo para manter a casa limpa.....	27
FIGURA 4 - Mulher queimando roupa do seu marido.....	29
FIGURA 5 - Mulher assediada no ambiente de trabalho.....	31
FIGURA 6 - Vestimentas e postura adequada para mulher.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 MANUAIS DE CONDUTA E SUA IMPORTÂNCIA: “ALGUNS CONSELHOS ÚTEIS”.....	14
2 DISCUSSÃO ACERCA DO TRABALHO E FEMINISMO: “MOÇAS E SENHORAS QUE DESEMPENHAM FUNÇÕES FORA DE CASA, LEMBREM-SE DISTO”	26
3 BELEZA E POSTURA: “ENTRE OS BONS HÁBITOS A SEREM CULTIVADOS ESTÁ O CUIDADO COM A APARÊNCIA PESSOAL”	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXO.....	47

1 INTRODUÇÃO

A passagem do século XIX para o XX viu emergir uma mudança substancial na produção do conhecimento histórico. Alguns historiadores, sob a influência das Ciências Sociais, pretendiam fazer uma Nova História, que representaria uma ruptura com o que denominavam “história tradicional” ou “história positivista”. Os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch institucionalizaram o projeto da Nova História ao fundarem a revista *Annales de História Econômica e Social*, concretizando a criação de um novo programa histórico, que rompia com a influência filosófica em favor das ciências sociais. O termo “Nova história” designa, justamente, uma história sob a influência das ciências sociais, e a própria revista fundada recebeu o nome *Annales de História Econômica e Social*, o que expressa a intenção de uma abordagem sociológica, e não apenas política, como antes.

A partir 1900, a história metódica torna-se alvo de críticas cada vez mais severas por parte dos sociólogos, interessados em tomar ou compartilhar o lugar institucional da história. O exemplo mais expressivo desses ataques é o artigo de François Simiand, publicado em 1903 na Revista de Síntese histórica, no qual ele faz um ataque teórico à história historizante dos positivistas, e propõe aos jovens historiadores que substituam “uma prática empírica, mal raciocinada, por um método refletido e verdadeiramente crítico”. Simiand diz que é preciso combater o que chama de “os ídolos da tribo dos historiadores”, que são: “o ídolo político”, “o ídolo individual” e o “ídolo cronológico”. Com estas ideias, vemos o nascimento da Nova História. Essa nova fase da história foi mais bem compreendida por M. Foucault que já analisava esse “homem-objeto” tratado num conjunto de discursos como ciências humanas. Esse homem-objeto é o produtor das “representações” conscientes e inconscientes.¹

Seguindo estas concepções, este homem-objeto passará a ser visto pela historiografia, analisado em todas as suas nuances, é o que chamamos de História em Migalhas², a qual o cotidiano das pessoas passaram a ser objeto de estudo do historiador, não eram mais os grandes homens e os grandes feitos que a historiografia se atinha, os sentimentos, as discontinuidades, os gestos, todas essas coisas passaram a ser observados e indagados também.

Neste contexto, cabe a nós analisar e questionar os manuais de conduta, produtor de representações “conscientes” e “inconscientes” de seus leitores, vendidos com destaque nas

¹ Para maiores indagações, ler: CUNHA, F. S. *História & Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

² Ler: REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

livrarias e divulgados em revistas destinadas ao público em geral e, particularmente, às mulheres que, de certa forma, ajudavam a população a entender e, posteriormente, a saber como agir numa sociedade que cada vez mais vivenciava alterações, visto que emergiram no Brasil numa época de transformações, onde homens e mulheres tiveram que conviver em ambiente públicos, locais estes que antes não eram acostumados.

Haja vista que são textos com a função de reeducar, como dito por Roger Chartier (2001, p.214): “inventaram, se (re)construíram, (re)educaram o seu olhar, se lançaram numa viagem em busca de novos significados tanto para o texto lido quanto para si, pois cada ato de leitura é, para o leitor, um momento de 'criação secreta e singular”.

Polissêmicos em seus usos, plurais na sua composição, vulgarizadores de prescrições para vários aspectos da vida em sociedade, os manuais são livros difíceis de se classificar convencionalmente: nem totalmente práticos, nem somente literários, mas sempre com determinações e objetivos pedagógicos. O que nos faz compreender por que logo passaram a fazer parte da vida cotidiana de seus leitores.

Embarcar na escolha do estudo referente aos manuais de conduta deveu-se principalmente às angústias e provocações de hoje, do nosso tempo, visto que certas normas vigentes nas nossas condutas determinam conflitos em nossa história, principalmente no que concerne aos códigos de pudicícia, o que hoje é considerável sobre o sexo normal para a mídia televisiva e, conseqüentemente, para o público que a consome, no passado (não tão distante) era considerado como perversão e, por isso, ocorrem muitos embates entre algumas pessoas de idade acima dos 40 anos com os jovens de hoje sobre como se portar, principalmente nas questões referentes a namoro, comportamento, vestimenta, sexo, enfim, questões que muito dialogam com o pudor.

Neste estudo, procura-se entender a formação e visibilidade do perfil feminino brasileiro pós mudanças no mercado de trabalho nos anos entre 1950 a 1960, apoiando-se como alicerce e fomentação de ideias e comportamentos nos manuais de conduta, mais especificamente no “Aprenda as Boas Maneiras” de Dora Maria (1961) e “Tudo o Que Uma Dona de Casa Deve Saber” de Vera Sterblitch (1958), principalmente ao que se refere ao pudor, para fundamentação da “boa senhora” e “mulher ideal”, de acordo com estes manuais de conduta.

1 MANUAIS DE CONDUTA E SUA IMPORTÂNCIA: “ALGUNS CONSELHOS ÚTEIS”

Neste capítulo, procura-se entender como foi elaborado o perfil feminino e como este ganhou visibilidade nos manuais de conduta. Quais eram os modelos de conduta mais difundidos? E por que certas sugestões destes manuais se mostravam mais apropriadas em uns do que em outros? Tendo em vista os públicos alvos de cada um. Desde que tenhamos em mente que estes modelos propostos podem diferir, visto que, por exemplo, as capacidades de consumo são diferentes, seja dos produtos modernos viabilizados pelas novas tecnologias da época, como também dos próprios manuais de conduta, enfim, batiam com realidades concretas e heterogêneas e, conseqüentemente, atingiam de formas distintas aos diversos segmentos da população.

No Brasil, mais precisamente nas décadas de 50 e 60 (século XX), homens e mulheres em seus cotidianos, de acordo com o frenesi dos tempos modernos, mergulhavam-se sob a influência do “novo”, viviam uma nova cidade, cada vez mais agitada e corrida; isto foi possível através do crescimento populacional e dos centros urbanos, posteriormente oferecendo uma maior oferta de serviços, lojas comerciais e opções de lazer³.

A década de 50 entra no cenário do povo brasileiro intitulada pela mídia, como “anos dourados” e logo passa a fazer jus a esta característica, principalmente para aqueles que vivessem nos grandes centros urbanos, que acompanharam o agito e a velocidade dos novos veículos, das vitrines recheadas de produtos seguindo tendências do estrangeiro (desde os Estados Unidos à Europa, principalmente França - Paris), além da presença e desejo dos novos eletrodomésticos que prometiam vidas mais fáceis para as mulheres e certa praticidade obtida através dos produtos industrializados. Desta forma, os novos ventos permitidos pelas modernizações logo afetariam a vida das pessoas, exigindo destas que se comportassem adequadamente para um futuro próspero.

Ora, aqueles eram anos em que muitas vozes garantiam ardentemente que o desenvolvimento (a maximização do progresso capitalista) deveria ser alcançado pelo Brasil, custasse o que custasse, sob pena do país desencontrar-se definitivamente com o mundo moderno. Para estes arautos da *necessidade do desenvolvimento nacional* uma forma de realizar esse sonho era o reaparelhamento da educação no Brasil. (AGRA DO Ó, 2006: 10)

³ “O Estado Novo foi um período muito fértil no que se refere à produção cultural, fatos que confirmam esta afirmativa, segundo SANTOS (2004, p.18-21), são o vertiginoso aumento de livros, revistas, folhetos, cartazes, programas de rádio com noticiários e números musicais, além do surgimento da rádio-novela, cine-jornal e documentários cinematográficos.” (ALMEIDA, GUTIERREZ, 2011)

Por todos os lados, desde através da mídia ou da “nova” educação brasileira, partiam discursos dos mais diversos tipos, tentando influenciar a população a se comportar diferente, de acordo com o viés da modernidade, sendo esta uma “condição necessária para a efetivação do desenvolvimento do Brasil”, como dissera Alarcon Agra do Ó (2006, p.10) em sua busca pela compreensão de uma Campina Grande da década de 50 em face à disputa política em 1959, cujo cunho principal era a modernização a qual vivenciava a cidade e reelaborava os ditames da vida cotidiana de seus cidadãos.

Tendo em vista essa concepção modernística, a qual a população brasileira vivenciava nos tempos de ouro, este trabalho propõe-se pensar especificamente como se encontravam os discursos direcionados à figura feminina no período destacado, deste modo, pensar qual era a mulher preferível para o futuro, segundo esses discursos, determinando normas e estipulando regras a serem seguidas por estas. Por exemplo, por um lado havia aqueles que acreditavam que o tipo de mulher mais voltado à *Amelia*⁴ seriam as mulheres que permaneceriam em vigor no futuro:

A indústria cultural, principalmente europeia e norte-americana, inicia um trabalho maciço de conscientização das mulheres para que voltem ao lar e retomem as funções de mãe e dona de casa. As empresas de publicidade propagavam as maravilhas da vida doméstica, garantindo consumidoras para a compra de eletrodomésticos, artigos de decoração, utensílios do lar, cada vez mais práticos, tidos como indispensáveis para a dona-de-casa moderna. (SANTOS, 2011: 18)

Entretanto, o progresso⁵ proporcionou também a outra face da moeda. Segundo Santos (2011, p. 18-19) o progresso ofereceu “oportunidades de emprego, educação e informação, as mulheres de classe média saem de suas casas, ocupando novos postos de empregos, bancos de escolas e universidades.” Tais comportamentos duelam com a imagem por tantos anos veiculada no passado da dona de casa, limitada ao âmbito doméstico, causando conflitos de gênero nos campos do pensamento, conduta e moral.

A mídia passa a ser uma das divulgadoras destes atritos, por ditarem comportamentos, modas, jeitos e trejeitos, a isto, cabe, primeiramente, à influência do rádio (objeto de maior concentração nas casas brasileiras, devido ao seu baixo custo), da televisão em menor escala⁶, por ser artigo de luxo, assim como o cinema, dos artigos e propagandas presentes nas revistas, dos jornais – que cada vez mais se diversificavam, tratando de temas nunca antes vistos e

⁴ Referência à mulher dona de casa cantada e aclamada pela voz de Ataulfo Alves, compositor e cantor de samba brasileiro.

⁵ “A noção de desenvolvimento pertence ao domínio da racionalidade, ela implica uma dimensão da sociedade na qual é possível atuar, desta ou daquela maneira. Neste sentido, ela não é constitutiva da sociedade. Trata-se de uma concepção datada historicamente.” (ORTIZ, 1991)

⁶ Mas nem por isso com menor consequência, visto que as imagens ajudavam a consolidar a influência das propagandas nas mentes dos consumidores.

atingindo um maior contingente populacional, logo, disciplinando mais – e de, posteriormente, dos conselhos e procedimentos de modelos culturais indicados nos manuais de conduta.

Em consequência disto, foi neste contexto de representações de códigos de conduta, anunciados através de diversos dispositivos, que certos manuais de boas maneiras passaram a fazer cada vez mais parte da vida cotidiana da sociedade brasileira⁷, sendo vendidos em edições de bolso, desta forma, não sendo de alto custo e, posteriormente, podendo ser adquiridos por boa parte da população da época. Estes manuais serviam ao propósito de normalizar comportamentos concebidos como “indesejáveis” e torná-los devidamente bem-educados e civis. Chartier (2004, p.48) disse que “sempre enunciada como modo de dever ser, a civilidade visa transformar em esquemas incorporados, reguladores, automáticos e não expressos das condutas, as disciplinas e censuras que ele enumera e unifica numa mesma categoria.”. Visto que eles, os manuais de conduta, são capazes de levar o leitor a ver e, talvez, viver de um modo específico, ditado, levando-o a repensar seu modo de comportar-se perante seu lar e a sociedade.

Durante a leitura, percebemos que os manuais registram uma história tensa, tendo em vista o contexto a qual fizeram parte e foram lançados, permeado por enfrentamentos e negociações, como o caso do feminismo, por exemplo, que estava em vigor e crescimento na época. História esta, dividida em gêneros que se complementam e se afastam ao sabor das conveniências morais e materiais, definindo e imprimindo comportamentos masculinizantes e feminizantes, a sociedade moderna encontrou em certos dispositivos, como os comentados acima, e dentre os quais, os manuais de conduta, um espaço de normatização de si mesma.

Logo, podemos perceber a relevância do estudo da força domesticadora dos códigos de conduta que modelavam os sujeitos segundo formas civilizadas. Visto que, veiculavam e internalizavam em jovens consideradas pelos mais velhos como inadequadas (no sentido de transgressora) para a convivência em sociedade, um meio de se fazerem presentes. E a partir daí, poderem sentir o convite à liberdade da vida em público, poder olhar o outro de perto e poder conviver com este, de modo geral, poderem aproveitar o moderno advindo dos tempos de ouro.

Sob esta perspectiva, os conselhos, preceitos e normas transmitidas no manual e praticados no próprio espaço público, causavam uma certa segurança ao leitor e vivente das normas, visto que a possível intencionalidade de todas aquelas obras eram de permitir um

⁷ Salientando que não se tratava da primeira vez que esse tipo de manual circulava pelo Brasil, Código de Bom Tom de J. I. Roquette, por exemplo, faz parte do cenário brasileiro desde 1845.

“bem viver” entre os indivíduos, logo, supomos que haveria de se inquirir um certo estatuto de verdade. Sendo verdade, por exemplo, que “a pessoa cortês será notada, seja pobre ou rica, branca ou preta, moça ou velha”, como propôs Maria (1958, p.31) em seu Manual “aprenda as boas maneiras”.

Além de que, os manuais de conduta eram capazes de afirmar/reafirmar os sinais distintivos de gêneros, bem como o de classe e escolaridade, ou seja, acabaram por configurar as esferas públicas e privadas da sociedade. Salientando que não era somente esse tipo de meio a se normatizar, as escolas, higiene médica, dentre outros meios, também foram responsáveis, mas neste estudo objetivamos dar visibilidade a atuação dos manuais de boas maneiras neste cenário.

Os manuais contêm mapas para um percurso (materializados em índices por assuntos, páginas numeradas, questionários, desenhos ilustrativos, modos de fazer, exemplos edificantes) que pretendem enraizar-se numa cultura do gesto e do agir e podem valer como preciosos elementos de auxílio para “o entendimento de práticas culturais que contribuíram para a constituição do indivíduo moderno” (GOMES, 2004: 11). Práticas estas formadoras de padrões sejam estes padrões de beleza, comportamental, moral ou de higiene. Visto que a conduta e o código de conduta estão em movimento, pois, apesar de se tratar de um processo, é um processo muito lento, como afirma Elias (1990). Logo, essas práticas demoram a serem estabelecidas e difundidas, mas com o apoio e propagação de algum meio, como o do manual de conduta, se é possível agilizar esse procedimento.

Com precisão e certa sutileza, sendo breve, a transmissão de normas, condutas e valores, na clareza das ideias, na coerência da escrita, na envolvimento de imagens discursivas que se tecem em narrativas simples, quase informais, formavam sistemas de valores, ferramentas para a consolidação das formas e dos códigos intrínsecos de moralidade. Por definição, os manuais constituem-se recheados de conselhos, regras precisas e orientações de conduta pessoal, moral e social; atentando-se aos cuidados que o indivíduo leitor deverá prosseguir sobre si mesmo, estando no espaço público ou privado.

Instrumentos diretos de “condicionamento ou modelação”, de adaptação do indivíduo a esses modos de comportamento que a estrutura e a situação da sociedade onde vive tornam necessários. E mostram ao mesmo tempo, através do que censuram e elogiam, a divergência entre o que era considerado, em épocas diferentes, maneiras boas ou más.” (ELIAS, 1990: 95)

O saber que circulava nos manuais de conduta era sempre relativo, haja vista que

tratasse de uma compreensão que não antecede à organização social, mas é inseparável dela, já que foi produzida no decorrer do processo histórico. A Editora Gertum Carneiro S.A., popularmente conhecida como Editora Ediouro, de forte inserção nos estratos médios e baixos da sociedade, foi uma das que se beneficiou com esse novo tipo de leitura. Por ela foram lançados vários manuais dos mais diversos temas, dentre os quais, os manuais de códigos de conduta. Um dos mais destacados foi o “*Aprenda as Boas Maneiras*”, de autoria de Dora Maria, onde ela constrói um corpo escrito para as mulheres, buscando, também, inscrever no corpo de carne e de emoções das suas leitoras, diversos códigos de bom tom, de bem viver, ou seja, de civilidade, onde “nessas lições, gravuras e textos compõem uma unidade, operando pela reafirmação do comportamento exemplar, mesmo quando põem em cena o contra exemplo” (ROCHA, 2003:210). Ela faz circular entre as leitoras como elas devem se portar nos mais diversos ambientes, sejam eles, trabalho, escola, família, refeições e até nos funerais.

Logo na apresentação do livro “*Aprenda as Boas Maneiras*”, a autora se mostra bastante prestativa a seu “leitor amigo”. O livro destina-se não somente as classes altas, mas a popular. Se trata de um guia para a “vida atordoante” a qual viviam naquela época, onde pais e professores “se veem arrastados nessa carência de tempo e a geração que se forma vê-se na contingência de sofrer os resultados daquela deficiência.” (MARIA, 1961: 7)

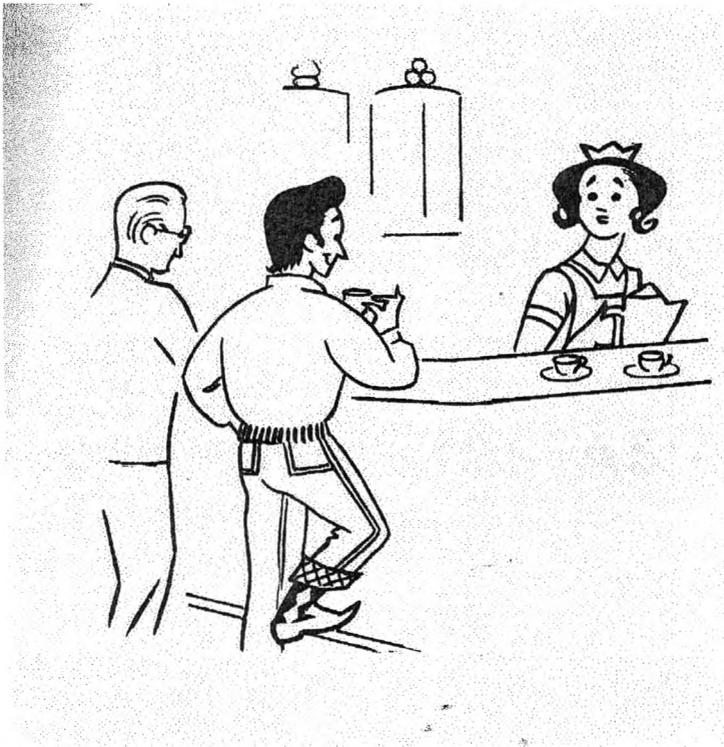
A modernidade trouxe consigo, de forma geral, o desmembramento dos ritos e dos códigos pelos quais as sociabilidades tradicionais se estabeleciam, desta forma, tornando as vidas sociais cada vez mais rápidas e corriqueiras. Provavelmente o conselho referente aos pais e professores seja pelo medo do futuro, que há de se ter uma atenção especial para com as crianças, garantindo que elas tenham um futuro seguro sob a proteção das normas de conduta.

A cada capítulo, Dora Maria utiliza um método singular para prender a atenção do leitor e fazê-lo praticar o que ali está escrito, sendo todos os capítulos, como dito acima, direcionados a como comportar-se nos mais diversos ambientes: Dora inicia sempre com um questionário⁸, recomenda-se de forma implícita, visto que não há nada que de fato diga isto, que antes de ler, o leitor responda o questionário e “se as suas respostas conferem com o teor do capítulo VIDA EM FAMÍLIA, então você é bem educado em família.” (MARIA, idem: 11) Portanto, as intenções giram em torno do estatuto de verdade estipulado pelas normas do manual e, por conseguinte, havendo a necessidade do leitor se qualificar enquanto certo ou errado, diante do escrito.

⁸ Segue em subseqüente anexo um exemplo de um dos questionários contidos em *Aprenda as Boas Maneiras* de Dora Maria.

Outro ponto interessante a ser observado nesses manuais são as gravuras presentes no texto, que também fazem parte do discurso e imprimem significado. No capítulo de como se comportar nas refeições, por exemplo, há um tópico referente a “Chás - Cafés - à Saída”, que vem acompanhado de uma gravura para exemplificar o tópico, como melhor observado na Figura 1. Trata-se de uma moça de cabelos curtos, localizada após um balcão, expressando feição de surpresa perante o jovem cliente com vestes e modos de *James Dean*⁹, o que nos leva a pensar questões de gênero, trabalho, classe social, dentre muitos outros aspectos, por exemplo, visto que o que aquele jovem poderia ter dito para que ela ficasse tão surpresa.

FIGURA 1 - Chás - Cafés - à Saída



Fonte: Maria, Dora, 1961: 65.

O modo pelo qual homens e mulheres devem se posicionar, seja no trabalho ou em casa, para que não desrespeite o outro ou não estabeleça nenhuma situação de incômodo, como provavelmente significava na ilustração da Figura 1, faz com que manuais de conduta sejam tão necessários.

Vejamos o que diz no manual sobre a situação no “Café”:

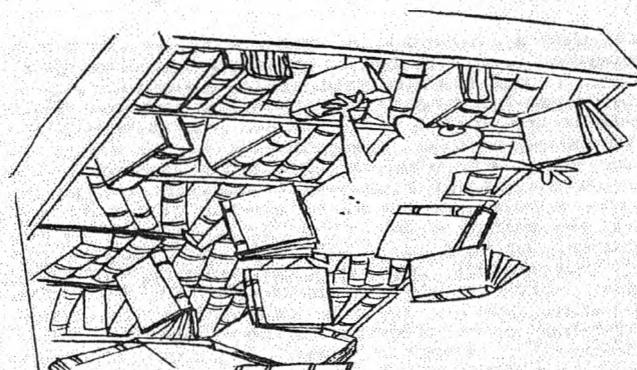
⁹ James Dean nasceu 8 de fevereiro de 1931, em Marion, Indiana, tornando-se uma personalidade amplamente admirada na tela, uma personificação da juventude inquieta-americana de meados da década de 50, e uma concretização do título de um de seus filmes “Rebelde Sem Causa.” (BIOGRAFIA... 2015)

Nos chamados “cafés-expressos” um cavalheiro não deve dirigir galanteios às moças encarregadas do serviço, já que para a maioria delas representa situação de verdadeiro constrangimento, dar ouvidos a conversas e brincadeiras, quase sempre de mau gosto, pois, fazendo parte de seu trabalho uma boa atenção para com os fregueses, não há possibilidade de uma reação oportuna. (MARIA, 1961: 65)

Utilizaremos, para somar no conteúdo de nossas pesquisas, o manual de conduta intitulado “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, escrito por Vera Sterblitch, viabilizado pela mesma editora que publicara “*Aprenda as Boas Maneiras*”. O manual de Sterblitch é direcionado, especificamente, ao público feminino de classe alta, haja vista que há capítulos sobre os cuidados que a dona deve ter para com casacos de peles, joias, dentre outros objetos que geralmente não são encontrados nas casas dos menos afortunados.

As imagens encontradas nesses manuais também tem a função de aconselhar, contendo os deveres dessas mulheres, nas quais aparecem como as verdadeiras “rainhas do lar”, mantendo a ordem e o controle sobre aquele ambiente, apesar dos esforços de impedimento do marido preguiçoso e trapalhão ali representado, como é o caso da imagem exposta na Figura 2, retirada do manual “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, visto que “as ilustrações compõem, no seu conjunto, a imagem do disciplinamento, colocando num primeiro plano as posturas corretas”, como saliente Rocha (2003, p.210)

FIGURA 2 – Cuidados com os livros



CUIDADOS
COM OS LIVROS

Fonte: STERBLITCH, Vera, 1958: 113.

No caso da imagem da Figura 2 em específico, observamos muito além da imagem do homem trapalhão, podemos ler a divulgação da casa e dos pertences desta, se tratando de uma casa que tem uma estante cheia de livros, da-nos a entender que se trata de uma família letrada e bem abastada financeiramente, pois possuir uma biblioteca em casa não era algo

rotineiro nas casas das décadas de 50 e 60, visto que livros custavam caro, mesmo as edições de bolso, de certa forma, pesavam financeiramente para o cidadão brasileiro, que se manifestava em êxtase com todas as modernidades advindas com a modernidade.

Porém, sabemos que ler é essencial. Dora Maria, inclusive no seu manual de conduta “*Aprenda as Boas Maneiras*”, influencia seu leitor a prática frequente da leitura para que este perpetue essa ideia: “Quem lê, embora se restrinja a um pequeno círculo de amizades, embora pertença a um meio humilde, saberá como comportar-se em todas as ocasiões e encontrará melhor saída no trato para com os seus semelhantes.” (MARIA, 1961: 45) Daí que a leitura é essencial, inclusive para com as boas maneiras, como diz a autora, haja vista que fora a leitura daquele manual de conduta que permitiria ao leitor um comportamento mais adequado perante a sociedade de acordo com Dora Maria.

Em contraposição a Dora Maria, Vera Sterblitch, de forma geral, preza pela perfeição, principalmente quando ela diz na apresentação do manual “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, que “acreditamos, porém, que fazer as coisas bem, é da alçada de todas nós e, por isso mesmo, por que não realizamos perfeitamente as nossas tarefas de dona-de-casa?” (STERBLITCH, 1958: 7) Quando ela faz esse tipo de questionamento, subentende-se, diante dos discursos subsequentes, que ela não se refere a apenas as atividades domésticas cotidianas, como também refere-se à beleza, estigmatizando o viés de que a mulher deve ter um tempo em sua rotina para manter-se sempre bela para o marido, inclusive porque os novos eletrodomésticos permitiam esse tempo: “Aparelhos elétricos bem cuidados são aparelhos que cuidarão de você sob todos os pontos-de-vista...”. (ibidem, p,90)

Já a Dora Maria (ibidem: 149) pensa de outra forma a questão da perfeição: “Ninguém é perfeito, pois a imperfeição é característica da humanidade, todavia, há em nosso íntimo um anseio secreto de perfeição, que talvez seja o toque divino dentro da nossa constituição humana.”. Dora, sempre que possível, evidencia a questão da religião em seu texto, como se o homem fosse estimulado pela fé para agir para consigo e para com o próximo, e apesar de a perfeição aparentemente não ser atingível, a busca deva permanecer, pois só se destacam aqueles que procuram a excelência, não só para si e para o âmbito da casa, mas em detrimento a tudo.

Tanto “*Aprenda as Boas Maneiras*”, como “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, tiveram suas primeiras edições respectivamente nos anos de 1961 e 1958, o primeiro possui 152 páginas e uma metodologia de textos e gravuras, nelas há exemplos das diversas situações propostas pela Dora Maria, desde durante um casamento ou num baile ou até mesmo a ilustração da expressão de que se faz ao acordar depois de um descanso. Dora Maria

também acrescenta, por exemplo, itens adicionais para acrescentar à sabedoria do leitor: soma-se citações de pensadores importantes como Pitágoras¹⁰, assim como o hino nacional brasileiro está presente no texto da autora, quando ela circula questões referentes ao civismo e aos símbolos da pátria.

O segundo manual, “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, possui 187 páginas e, da mesma forma que “*Aprenda as Boas Maneiras*”, é recheado de textos e gravuras, desta vez as imagens demarcam um casal em suas vidas cotidianas e a forma pelas quais eles passam pelas situações recorrentes de suas vidas, com ambos os personagens assumindo seus respectivos papéis, a mulher geralmente é retratada empenhada nas atividades domésticas, enquanto o homem aparece como o que atrapalha essas atividades ou o que se mete em encrencas. No manual, há contido formas detalhadas de como manter a casa sempre limpa, Vera Sterblitch cita, inclusive, quais os produtos de limpeza que devem ser usados, os que não devem ser usados e de que forma deve ser feito o uso.

Percebemos que o manual “*Aprenda as Boas Maneiras*” aparenta ser mais “moderno” que “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*,” principalmente ao que diz respeito a trabalho, tendo em vista que há um tópico no capítulo sobre trabalho intitulado: “A Mulher que Trabalha”, em que Dora (ibidem, p.32), diz que “já se considera obsoleta a ideia de que trabalhando fora do lar, a mulher não poderia ser boa esposa”. O livro segue uma linha de pensamento ligado ao ideal de família nuclear burguesa para a época, entretanto, não deixando de lado certas tradições, como por exemplo, as que forem relacionadas à religião.

As obrigações religiosas são o complemento espiritual da vida de cada cidadão e, aos pais, cumpre obedecer-lhes, encaminhando os filhos dentro dos seus respectivos princípios religiosos, desde o nascimento; a sociedade, todavia, determina obrigações civis indispensáveis, como continuação ao acatamento à lei, dentro do lar, construído pelo matrimônio. (MARIA, 1961: 12)

O perfil feminino elaborado pela Dora Maria é o da boa moça que trabalha, que lida com a vida tanto no público quanto do privado, mas, nem por isso, deixa de ter pudor, sabe se comportar e procura lidar, inclusive, com as adversidades, seja o preconceito por parte do público masculino, como também fazer estabelecer a própria consciência de pertencimento da figura feminina nesses locais.

Quando a maioria das mulheres, convencendo-se das verdades aqui expostas,

¹⁰ Dora Maria cita “Aos Deuses imortais, o culto consagrado rende e tua fé conserva e prestigia dos heróis imortais a imárvida lembrança.” (ibidem, 82)

adotarem-nas, como parte de sua própria natureza, verá, com nobre e sã alegria o seu trabalho adquirir valor desconhecido até então aos seus próprios olhos, que reduzirá a nada o perigo de futuramente vir a sofrer por causa das colegas de seu marido ou porque tenha que mandar uma filha para o trabalho, fora de casa. (MARIA, 1961: 35)

Já no manual escrito por Sterblitch, a configuração da figura feminina é um tanto quanto diferente, até mesmo por que se trata de um público específico, sendo ele estritamente destinado às mulheres de classe média/alta que se limitam ao espaço privado, à boa dona de casa. Visto que esse público era, até meados da primeira metade do século XX, ignorados pela literatura, seja na imprensa ou em outros dispositivos de entretenimento¹¹, as mulheres poucas vezes eram o público-alvo dos textos e, quando eram, muitos dos casos eram homens que escreviam para as mulheres, segundos seus preceitos e modos de ver masculino, dando opiniões e normatizando públicos femininos.

Havendo livros no estilo dos manuais de conduta, que se dirigissem especificamente a aquela “dona de casa”, explicando de forma sumária e bem detalhada questões referentes à vida cotidiana desta senhora, fazia com que, de certa forma, a configuração da mulher brasileira se modificasse, tornando-a leitora, o que nos leva a pensar que fazia dela (a leitora) especial, por ser alvo principal desta literatura.

Vera Sterblitch em “*O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber*”, procura se aproximar da leitora, fazendo com que a conexão entre escritor e leitor seja mais forte e, conseqüentemente, o sentimento de personagem principal desta história seja vinculado à senhora do lar, pois o manual oferece dicas que, muitas vezes, imprime questões pessoais (quando Sterblitch escreveu sobre a exterminação dos insetos na casa, por exemplo, ela diz que quando vê uma barata fica toda arrepiada) da própria autora para com sua protagonista leitora. Vera fala, ainda, de cuidados, dá ideias e dicas de como manter as coisas dentro dos conformes entendidos por ela na casa, além de exprimir soluções para problemas que possam aparecer no dia a dia da dona de casa, a apropriação destas ideias dão um norteamento as leitoras dos sentidos de certo e errado, fazer e não fazer, ou seja, uma forma maniqueísta de perceber os espaços, as coisas e seu modo de viver.

Quanto à leitura e a apropriação das ideias, Chartier (apud OLIVEIRA, 2011, p.73). diz que os leitores.

¹¹ Salientando que haviam jornais, revistas e livros para moças, como os assinados por M. Delly, assim como veículos de informação destinados a grupos mistos de leitores, o que nos cabe aqui informar é que esta ainda era uma literatura em fase de propagação.

Fazem com o que recebem, e que é uma forma de invenção, de criação e de produção desde o momento em que se apoderam dos textos ou dos objetos recebidos. Desta maneira, o conceito de apropriação pode misturar o controle e a invenção, pode articular a imposição de um sentido e a produção de novos sentidos.

Desta forma, Sterblitch expressa a sua leitora modos de como ser uma perfeita dona de casa e expõe como ela deve mostrar-se perante o outro e orgulhar-se de fazê-lo:

Será que você é uma dona de casa que pode colocar as panelas em exposição permanente? E' realmente uma beleza ter se panelas brilhantes e sempre limpinhas e parece até que temos mais prazer em cozinhar, e os quitutes saem mais gostosos... porém como conservá-las sempre bonitas, eis a dúvida cruel! (STERBLITCH, 1958: 74)

Vera Sterblitch ensina, inclusive, como cuidar das roupas, a lavar, passar e remendar. Pensar na mulher dona de casa idealizada pela autora, nos remete à uma educação da organização, da limpeza, de uma árdua jornada de trabalho que, definitivamente, não parece ter fim, visto que ela pensa em cada detalhe da casa, desde em referência a manchas quaisquer nas roupas, até a forma pela qual se deve limpar o chão, sendo o chão o “espelho da boa dona de casa” (STERBLITCH, *ibidem*, 40), como também ela indica quais produtos devem ser comprados para a manutenção da casa, como comprá-los e avaliá-los, por essa visão, é perceptível que Sterblitch visava a perfeição.

O sabão duro é o mais econômico, pois dura muito mais. Um bom sabão reconhece-se pela consistência e deve ser oleoso sem engordurar. O sabão não deve ficar viscoso quando velho. A melhor maneira para saber-se se um sabão é de boa qualidade é dissolver um pedaço em água. E esta não deverá apresentar resíduos nem impurezas. (STERBLITCH, 1958: 129)

Já na perspectiva da Dora Maria, quando se dirige ao âmbito doméstico, apesar dela permear os mais diversos âmbitos, ela se manifesta diretamente ao “chefe da família”, exprimindo que ele deve ser tratado com respeito por todos os membros da casa, mas, nem por isso, deve impor temor a estes, e logo dá conselhos de como deve ser o tratamento deste com a esposa e filhos.

Dê a sua esposa o lugar que lhe cabe e, por bastante pobre que seja, não a considere em casa como um instrumento permanente de trabalho doméstico; faça dela sua companheira de lutas e discuta os problemas de vida diária apenas com ela. (MARIA, 1961: 13)

Diante disso, indaga-se: por que Dora Maria não se refere à mulher neste ponto do livro, mas apenas ao “chefe da casa”? Não parece ser ponto de interesse da Dora Maria, que logo se refere à mulher, mas no que concerne ao trabalho, pois na casa, ela se limita ao homem. É como se o que houvesse a ser dito à mulher, o leitor(a) já soubesse, devido a

tradição desta no âmbito doméstico, a novidade mesmo, devia-se a figura feminina no âmbito do trabalho, assim como em outros locais que não se limitavam à apenas a casa, só se, na casa, a família estivesse com convidados, aí a situação se configurava, e a autora, neste ponto, exprime-se a toda a família explicando como serem bons anfitriões.

Por conta disso, é fácil entender o porquê de alguns manuais sugerirem condutas mais apropriadas em uns do que em outros, visto que tudo era muito relativo, dependendo de qual público o manual se dirigiria, como por exemplo, classe social e região. Tais manuais de conduta, representavam o bem viver da população, com suas nuances específicas para cada manual analisado, porém somados, eis a sociedade como um todo.

Logo no próximo capítulo, convidamos ao leitor a pensar conosco um pouco mais a fundo a história dos manuais de conduta no cotidiano feminino das décadas de 50 a 60, como se desenharam as relações entre os segmentos sociais em detrimento à questão da senhora do lar sair de sua residência para desempenhar funções em ambientes públicos, e procurar entender o importante papel desempenhado pelos manuais de conduta neste cenário.

2 DISCUSSÃO ACERCA DO TRABALHO E FEMINISMO: “MOÇAS E SENHORAS QUE DESEMPENHAM FUNÇÕES FORA DE CASA, LEMBREM-SE DISTO”

A resistência da mulher em não se satisfazer com a condição de “parasita”, de “dependente”, mostra a força histórica da luta da mulher para ter um papel importante na sociedade, eis que a mulher, mesmo em casa, nem sempre assume o papel de submissão. Como diz Simone de Beauvoir

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só que o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. (BEAUVOIR, 2009: 449)

Nesse capítulo, procura-se pensar e questionar essa figura feminina “transgressora”, além de tentar encontrá-la nos manuais, entre as normas e conselhos, possíveis meios de transgredir, de ir além. Procuraremos entender o papel feminino perante o pudor, e como permanecer uma boa senhora, mesmo estando assumindo o papel antes ocupado só (ou quase só) pelos homens. Por fim, questiona-se o que seria, portanto, a mulher ideal e como elas são desenhadas nos manuais. Levando em consideração que estes manuais possam seguir por linhas de pensamento parcial ou completamente diferentes.

A relação de dependências múltiplas e intrínsecas entre as figuras do homem e da mulher, assim como a relação de poder existente entre os gêneros, vez por outra, são questões discutidas na historiografia; estudos como o de Michelle Perrot repercutem perante as discontinuidades da história e de seus agentes, entre personagens femininos interpretando seus papéis de submissão e os masculinos assumindo-se, como sempre, dominadores. Diante deste cenário dicotômico, Perrot questiona a resistência.

Em detrimento da categoria gênero, vale ressaltar que o significado transcende o caráter biológico da palavra, trata-se, segundo Durval Muniz (apud SILVA, MONTENEGRO, AZEVEDO, 2012: 10), “das formas de ver, dizer e viver o masculino e o feminino”, um produto da situação social a qual os corpos se dispõem, intercalando códigos e posturas culturais que assemelham e diferenciam. Nessa situação, estabelecem-se as relações de poder, determinando o que domina e, posteriormente, o que se submete.

Parafraseando Simone de Beauvoir, Heloisa Turini Bruhns (1995) fala de como a subordinação feminina foi elaborada no decorrer do tempo: “A diferenciação biológica entre os sexos fez da mulher, existencialmente, a parte mais fraca, segundo a autora, sendo que a

atividade masculina, 'criando valores, constitui a própria existência como valor, venceu as forças confusas da vida, subjuguou a natureza e a mulher"'. Até meados da primeira metade do século XX, essa situação permaneceu compreendida, o que não quer dizer aceita, podendo, sim, haver resistência por ambas às partes. Afinal, no próprio espaço privado, a mulher tomava para si de certa autoridade perante os membros da família para fazer permanecer a ordem na casa e sua subsequente limpeza, como observado melhor na Figura 3, onde podemos vislumbrar um exemplo acerca da autoridade feminina no ambiente doméstico em forma de gravura representada no manual "*O que toda dona de casa deve saber*", percebe-se aí a figura masculina que atrapalha o processo de limpeza da casa enquanto busca ler seu jornal, a mulher prontamente o remove de seu local de leitura para que, assim, possa dar continuidade a suas atividades.

Figura 3 – Mulher se impondo para manter a casa limpa



Foto 3: STERBLITCH, Vera, 1958: 13.

Eis aqui o caso de nos questionarmos sobre o porquê dela não ter esperado ele terminar. Será que foi justamente para poder deter da oportunidade de ser autoritária perante a figura que, frequentemente, exerce a função de dominador? E no caso do marido, ele obedece à esposa, mas, evidentemente, contra sua vontade, então, por que ele desta vez não se impôs? Ele se vê sem tanta autoridade na casa quando o quesito em questão é limpeza?

Na mesma imagem, ademais das questões mencionadas acima, podemos destacar as vestimentas das personagens, visto que ao que concerne a figura feminina, trajada de avental,

aparenta ser a que representa a figura da doméstica, em detrimento da figura masculina que, em contrapartida, se apresenta de pijama e chinelão como se estivesse a ponto de dormir ou de ter acordado à pouco tempo, enquanto a mulher já estava a um certo tempo em sua jornada rotineira de trabalho doméstico.

Na sequência, segue no manual as informações de como realizar a “limpeza de manchas sobre tecidos de estofamento”, dentre as dicas, nos foi perceptível que há sempre o tom de ‘acalme-se’ na fala da autora, quando ela apresenta conselhos de “não se desespere” ou “eis aqui a receita”. Isso pode nos fazer recordar a imagem apresentada na Figura 3, da presença do homem que “atrapalha”, se somado aos conselhos e tons de calma advindos da autora, pode parecer que a mancha fora causada pelo homem da casa e, logo, se pressupõe a necessidade de calma e autoridade da mulher para que novos casos não venham a acontecer.

Aqui podemos convidar os amigos, os vizinhos, evitar os inimigos, o chefe de trabalho, por tanto tempo quanto permite a frágil barreira simbólica entre o privado e o público, entre uma convivialidade eletiva regrada pelos indivíduos, e uma socialidade obrigatória, imposta pelas autoridades. (CERTEAU, 1996: 206)

Certeau (1996) indica que no ambiente familiar há liberdade, do ato de fazer quaisquer coisas e do ato de ser deliberadamente quem si é, a figura feminina pode, desta forma, se posicionar perante o homem, pois na casa ela não será julgada por olhares alheios de outrem que não faça parte daquele lar. O espelho da boa “dona” de casa é o lar, quanto mais asseado e bem organizado for o lar, mais bem vista vai ser a senhora, não só para os membros que naquele ambiente vivem, como também para os olhares observadores dos curiosos de fora, para tanto, a autoridade feminina se fazia necessário, apropriar-se do papel de “dona” da casa pelo zelo desta.

No ambiente doméstico, portanto, e nos silêncios que nela contém, há muito o que se destacar, há, finalmente, descontinuidades, desde poder ficar naquele ambiente sem ater a necessidade de estar maquiada e bem penteada (no caso das mulheres), e poder ficar de pijama até o momento que lhe for oportuno, como apresentado na imagem anterior, as permissividades da casa é que fazem do lar o lugar desejado por todos após uma longa jornada de trabalho.

Ser mulher diante de toda essa rotina e das situações recorrentes do lar, da família, do lazer e do trabalho, acaba gerando necessidade de condutas coerentes com a realidade feminina, para cada situação, jeitos e trejeitos de lidar com ela. Nos manuais, é possível encontrar dicas e conselhos que facilitem esse cotidiano e, inclusive, modelos de burlar casos

que, de alguma forma, comprometessem o bem estar da família ou da mulher perante os seus.

A Figura 4 a seguir retrata o caso da dona de casa queimando a roupa de seu marido e, conseqüentemente, deixando-o irritado. Nas páginas subseqüentes à eventualidade exposta na gravura, Sterblitch expõe meios de como passar a roupa bem e de como contornar a situação problemática, remendendo a roupa, por exemplo.

FIGURA 4 – Mulher queimando roupa do seu marido



Foto 4: STERBLITCH, Vera, 1958: 139.

Ainda na Figura 4, podemos pensar também a postura masculina de desafiador, viril e imponente. Desta vez, é o homem que atua no papel de dominador, ou seja, as relações parentais existentes no lar são muito versáteis e voláteis, dependendo das situações que ocorram nele as posições se alteram. Deste modo, por que não pensar sob essa perspectiva para com o cotidiano no espaço público?

O espaço privado, assim como o público, também é palco para medo, desconforto, ansiedade e comprometimento devido à necessidade de que tudo ocorra bem, de que a casa seja sempre à vitrine da boa esposa, assim como a mulher que trabalha fora deseja que seu compromisso com seus exercícios diários sejam sempre bem cumpridos, expondo o quão boa funcionária ela é.

Deste modo, Dora Maria (1961, p.35) aconselha: “Moças e senhoras que desempenham funções fora de casa, lembrem-se disto: seu local de trabalho deve ser encarado apenas como tal e assim como o seu próprio lar, merece o máximo respeito, demonstrado por conduta irrepreensível diante de seus chefes e colegas.” Para a referida autora, mulheres de

“boa conduta” não devem se dirigir ao seu local de trabalho como se estivesse indo a uma festa, estando muito maquiada ou usando roupas e penteados inadequados a seu exercício, pois, deste modo, acaba por chamar a atenção demais de seus colegas, impedindo um bom comprometimento de todos com o trabalho, afora o assédio exacerbado.

Quanto à figura masculina, diante de sua colega de trabalho lhe cabe a gentileza:

E quando os homens procurarem ser mais gentis para com suas colegas, apanhando um papel que caiu, carregando para elas um livro mais pesado, acautelando-se no falar, cedendo a ela os melhores lugares – então será mais fácil para ambos o trabalho em conjunto e será um passo a mais na elevação coletiva. (MARIA, 1961: 35)

Essas medidas aconselhadas pela Dora Maria quanto ao homem, nos faz pensar as continuidades da mulher frágil e da “dependência” dita pela Simone de Beauvoir acima, do quanto se faz necessário para uma boa convivência que o homem ceda os melhores lugares para a mulher, assim como que ele carregue os livros pesados, enfim, não que isso seja errado, mas eis a questão da diferença na maneira de agir entre os gêneros.

Por exemplo, na citação subsequente, encontra-se a fala de Certeau, que discute o ato de estar em casa, da sensação de lazer que nele contém e da vontade de ficar sem fazer nada nesse espaço, considerando esta ideia, pensar o exercício da mulher que apenas ocupa o espaço doméstico pode parecer fácil ou de certa forma pacato, pelo simples ato de estar em casa, em seu ambiente próprio, como que a vida fosse mais fácil para esta.

Nesse espaço privado, via de regra, quase não se trabalha, a não ser o indispensável: cuidar da nutrição, do entretenimento e da convivialidade que dá forma humana à sucessão dos dias e à presença do outro. Aqui os corpos se lavam, se embelezam, se perfumam, têm tempo para viver e sonhar. [...] Aqui o costume permite passar o tempo ‘sem fazer nada’, mesmo sabendo que ‘sempre há alguma coisa a fazer em casa’. (CERTEAU, 1996: 205)

Sabe-se, porém, que não se trata da realidade feminina, seja daquela que habita apenas o ambiente doméstico no sentido de trabalho, do que daquela que também ocupa os espaços externos, visto que, como ressalta o manual de conduta de Vera Sterblitch, é o infinito, delicado e exaustivo trabalho exercido pela dona de casa, que garante ao recinto o estado “de um lar acolhedor e à altura nossa personalidade”¹².

¹² Op. cit. pg.7

O feminismo foi um importante acontecimento para a emergência nas sociedades ocidentais do que podemos chamar de um pensamento da diferença ou de uma filosofia da diferença que tem no questionamento da noção de identidade, na denúncia dos aprisionamentos que o pensamento identitário favorece um de seus principais traços. (pg.14)

Estar presa na condição de mulher “parasita” e de tudo o que distingue a figura feminina da masculina, é uma das questões as quais trata o feminismo, como se, para ser mulher, necessariamente, ela precisasse se ater a determinados comportamentos, principalmente em função do homem. Não que a mulher precise perder sua feminilidade para ser feminista, mas que ela saiba se colocar perante a sociedade sem ser na condição de mulher “parasita”, sendo assim, uma mulher que vislumbre a igualdade, que se sinta livre para ser livre, no ato de maquiarse e ser bela, durante uma dança ou num passeio, nos seus namoricos, em casa e em seu trabalho.

Na Figura 5, é possível observar uma possível transgressão: o caso de uma moça que vai ao trabalho, devidamente como Dora Maria alertou que não deveria ir e, evidentemente, houve casos de assédio em referência a esta figura feminina, o que chama a atenção na Figura é à expressão da moça, que parece pouco se importar ou se interessar quanto aos olhares pretensiosos de seus colegas de trabalho, permanecendo dedicada às suas atividades, belíssima e extremamente elegante. Percebe-se, também, que diante da beleza da senhora, os homens se veem no papel de se embelezarem mais, vindo estes homens mais arrumados e bem escovados. Eis que a beleza contagia e transgride.

FIGURA 5 – Mulher assediada no ambiente de trabalho



Em detrimento ao namoro, Maria (1961, p.92-93) aconselha-se: “os jovens devem estudar-se reciprocamente, observando as atitudes um do outro, em relação à família, à sociedade e aos próprios sentimentos”. À boa moça cabe namorar em casa, sob a vigilância dos pais, assim como ter encontros seguros, e poucos frequentes, com seu namorado.

Assim sendo, uma possível segunda transgressão destaca-se quando a autora discute a conduta em cinemas e dos casais apaixonados que nele vão se encontrar. Historicamente, sabe-se que os casos de flerte no “escurinho do cinema”, como cantado pela Rita Lee em “Flagra” (1982), acontecem comportamentos que seriam reprovados pela boa conduta. A autora se preocupa com os comportamentos destes jovens, “pois suas atitudes exageradamente ‘românticas’ perturbam a todos” (ibidem, p. 109), ou seja, podemos questionar se boas moças podem sair desacompanhadas com seus respectivos namorados para localidades escuras como um cinema e nele agir de forma ilícita perante a sociedade da época. Parece que sim, o que é bastante contraditório.

Partindo do pressuposto que parece existir na nossa sociedade dois extremos femininos, Albuquerque (2002) diz que “De um lado situam-se as cartografias do sagrado, do pudor, da graça feminina, do trono-lar e, de outro, as abominações, os vitupérios, as desgraças, as maledicências.” Desta forma, formam-se dois paradigmas distintos que determinam os padrões de beleza associados aos extremos, se, por um lado, aprecia-se o pudor/recato, de outro podemos encontrar a sensualidade.

Por essa concepção, aparentemente àquele que se comporta de forma ilícita, não pode ser também dotado de pudor, é como que se tratassem de duas pessoas distintas, isso porque o pudor é frequentemente associado ao recato, não havendo brechas para a transgressão. O próprio termo ‘pudor’ em si requer certo cuidado em sua análise, por definição geral, entende-se pudor como: Sentimento de vergonha ocasionado por atos ou coisas que se convencionou serem contrários à decência, à honestidade, à modéstia. (ROCHA, Ruth, 2005: 574) O que entendemos por vergonha é o resultado de uma educação voltada a valores e normas estabelecidas no decorrer do tempo pela cultura de cada sociedade em suas especificidades.

No Brasil, em meados da década de 20 do século anterior, se deu início a uma certa educação sexual para com a população, inclusive, e principalmente, com jovens e crianças, que logo mais adentrariam a vida sexual e que logo aprenderiam as distinções entre os sexos e, conseqüentemente, às questões relativas a vergonha. Este saber começou a difundir-se através de manuais de educação sexual, livros e boletins informativos elaborados por profissionais da medicina em comunhão a alguns membros educacionais e religiosos do país, na perspectiva de alcançar uma educação civilizada, principalmente sexualmente.

Era motivo de preocupação, para os líderes dessas instituições, o rumo a qual a sociedade brasileira tomaria se não detivesse do conhecimento sexual, visto que o sexo logo poderia ser desenfreado e, conseqüentemente, o número de doenças sexualmente transmissíveis iria aumentar, desta forma, a única maneira de fazer com que as pessoas, sem conhecimento, soubessem dos riscos de uma vida sexual ativa, era lhes concebendo conhecimento.

Logo, com a “modelagem” de normas e conselhos viabilizados por esses manuais informativos, fez com que o comportamento socialmente desejável fosse adquirido de uma forma que parecia natural e espontânea. Contudo, representavam o resultado de um longo trajeto de educação dos sentidos e do desejo.

Norbert Elias em “*O processo civilizador*,” explica como, nas sociedades europeias, os manuais de conduta elegeram, pouco a pouco, um tipo de comportamento visto como civilizado, aos quais, aos poucos, definiram-se sensibilidades, preferências, sentimentos de vergonha e recusa. Deste modo, é possível vislumbrar, através das apropriações e representações dos comportamentos ao longo dos períodos de vigência dos manuais de conduta, desde os primeiros lançados, como é o caso do Código de bom tom ou regras da civilidade e de bem viver no século XIX, editado pela primeira vez no ano 1845, em Portugal, e escrito pelo cônego J.I. Roquette, até os manuais aqui estudados situados das décadas de 1950/60, é possível entender como se fundamentaram as fronteiras tão rígidas perante as proibições e liberdades entre os sexos e os limites impostos para com cada um deles. Quanto à mulher, esperava-se a subordinação e o recato, entretanto, o homem poderia gozar de certa liberdade e despudor.

Diante de todo esse processo histórico de educação dos sentidos, como que a figura feminina permaneceria vista como uma boa senhora, estando assumindo o papel e a localidade antes ocupado só (ou quase só) pelos homens? Os primeiros passos a serem considerados foram os manuais de conduta, que da mesma forma que mantiveram relevância na década de 20, em detrimento da educação sexual do país, também foram preponderantes nas décadas de 50 e 60, no auxílio e conhecimento dos papéis de gênero perante o mercado de trabalho.

Dora Maria, no tópico referente à “*Conduta Entre Pessoas dos Dois Sexos*”, fala da necessidade do respeito entre os gêneros:

A par com a necessidade de que homens e mulheres caminhem juntos, desempenhando suas funções nos mais variados setores da atividade humana, está a obrigação – infelizmente muito esquecida – de que os respectivos lugares concernentes a cada sexo, sejam ocupados com dignidade. (MARIA, 1961. P.33)

Ela conclui: “Não se justifica, por isso, num ambiente misto, a razão que apresentam alguns homens, de faltarem às mais comzezinhas regras de cavalheirismo, para com as colegas, por ocuparem estas, cargos idênticos aos deles e perceberem os mesmos salários.” (ibidem, p.33)

Se na época dos nossos avós muitas mulheres foram proibidas de frequentar escolas superiores – destinadas exclusivamente à formação de homens para as profissões liberais – se, no tempo dos nossos pais, não era visto com bons olhos o fato de mulheres passarem o dia inteiro fora de seus lares – na época atual, é coisa previamente decidida que, em todas as famílias, homens e mulheres se equiparem na luta pela vida, produzindo e se elevando, por meio de trabalho honesto e bem orientado. (MARIA, 1961: 32)

Na fala de Dora Maria encontramos as respostas para as nossas perguntas: O primeiro ponto é que na década de 50 do século anterior já se considerava “obsoleta” a ideia de repúdio à mulher que trabalha fora de casa; um segundo ponto trata-se do que ela define de “trabalho honesto”, ou seja, a mulher permanecerá vista como boa senhora desde que esta assuma um trabalho honrado, que não fira a moral da família, assim como o próprio comportamento desta senhora no ambiente de trabalho permitirá os “bons olhos” da sociedade perante ela: “A pontualidade absoluta, a rapidez, o controle à vaidade, não são características do sexo, mas, a tudo isso se obriga a mulher que trabalha fora do lar, nos mais variados misteres.” (ibidem, p. 32)

Sendo assim, a “boa mulher”, de “boa conduta”, não se trata mais daquela que se detêm apenas ao ambiente familiar, sendo, inclusive, necessário que ela se faça presente no trabalho, proporcionando uma renda a mais e uma melhor condição de vida à família. Cabe aqui ressaltar as discontinuidades, haja vista que, aparentemente, a dissociação entre os dois tipos de mulher comentados acima, podem ser referentes a uma só mulher, visto que os manuais auxiliam para que esta mesma mulher que, ora mantêm-se recatada, ora provocante, saiba, por exemplo, nos momentos aos quais requerer pudor, e quais se comportar.

Não se trata, portanto, de personalidade, mas de representação.

Uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenções às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer [...] que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1989, p.27)

Em consequência disto, o que se lê do indivíduo nem sempre é o que ele é. Os manuais são auxiliares, eles proporcionam ao leitor um meio de saber como lidar em

determinadas situações, o que não significa que o leitor permanecerá agindo da forma sugerida em todas as situações. A mulher ideal, de forma geral, é aquela que sabe como se comportar, independente do ambiente a qual estiver ou das pessoas as quais estiver convivendo. É aquela que preza pela perfeição, pela boa convivência, pelo respeito para com o próximo, ou seja, é aquela agradável tanto para si quanto para os outros, cristã e que mantenha bons hábitos.¹³

No próximo capítulo, pretendemos trabalhar questões referentes, especificamente, a beleza da mulher, tendo já estabelecido alguns conceitos em detrimento da mulher brasileira das décadas de 50 e 60, inclusive ao que concerne os códigos de pudor, das funções estabelecidas nos manuais de conduta de ajudar a sociedade brasileira a saber como se comportar nos tempos de modernidade atribuídos aos Anos Dourados. Desta forma, aborda-se, por conseguinte, o que eram entendidos como bons hábitos nesses manuais de conduta e sobre os cuidados de beleza requerentes nos espaços tanto públicos como privados.

¹³ Todas estas características foram entendidas pela leitura das fontes, o que não quer dizer que sejam as impressões pessoais ou coadunação dos que vos escreve.

3 BELEZA E POSTURA: “ENTRE OS BONS HÁBITOS A SEREM CULTIVADOS ESTÁ O CUIDADO COM A APARÊNCIA”

Diante das pesquisas e questionamentos explicitados até este momento, indaga-se o que seriam comportamentos adequados, os conselhos e normas aos quais compunham os manuais, o que seria a mulher ideal, enfim, depois de todos esses temas, nos coube pensar neste capítulo o que era entendido por “bons hábitos” nos manuais de conduta, visto que a história das mulheres também passa por enfrentamentos e negociações, aos quais a mulher que conseguisse ser bem vista pelos outros, conseqüentemente, seria, também, bem sucedida. Ou seja, “o conjunto de atributos mais ou menos louváveis nos hábitos, nas atitudes, no comportamento, é que dão a cada um, caráter exclusivo, fazendo com que se coloque bem ou mal entre os seus semelhantes.” (MARIA, 1958: 147)

Deste modo, como a história da beleza delineou-se nesse contexto? As mulheres, já não teriam mais desculpas para não se manterem belas, tendo em vista não só ao que se refere à beleza exterior como também a beleza interior, em outras palavras, beleza moral, que é compreendida pelos comportamentos da moça, assim como pelas sensibilidades explicitadas por esta.

De acordo com manuais de boas maneiras, essas condutas recomendadas, antes de ser um meio facilitador para um melhor modo de convivência para a sociedade, são modelos de condutas elaborados por segmentos sociais, que refletem uma boa personalidade de uma pessoa que fora bem criada e educada. Essas características representam qualidades muito superiores à beleza externa em si, no que se refere às relações afetivas entre os sexos, pois a imagem modifica com o tempo.

O refinamento dos gestos, o traquejo social, o bom gosto, a personalidade bondosa e o caráter sólido eram tão ou mais valorizados pelos homens do que a própria aparência, segundo o que se podia ler explicitadamente nos artigos que indicavam os caminhos para uma conquista amorosa bem-sucedida. (SANTOS, 2011: 112)

Podemos perceber, pela fala de Santos, que os valores, comportamentos e a beleza são determinados em função do olhar do outro, ou seja, neste caso, ao do pretendente de sexo masculino no jogo de sedução, parece-nos que as maquiagens e outros métodos de embelezar-se que estavam aparecendo nos novos cenários dos Anos Dourados não eram suficientes, a mulher precisava ser mais do que um “rostinho bonito” para conquistar não só o seu respectivo pretendente como também o seu “espaço”¹⁴. A beleza é uma leitura do outro.

¹⁴No sentido de independência financeira: “Vários outros contos começaram a ilustrar mulheres belas, sobretudo porque não eram donas de casa, dependentes do marido. Diante delas, que pareciam manequins saídas

Para tanto, saber como se comportar perante à sociedade era substancial para que essa “nova” mulher das décadas de 50 e 60 conquistasse a admiração das pessoas que as circunscrevesse. Dora Maria (1961, p.150) propõe a seu leitor um modo mais fácil de atingir este objetivo: basicamente, o indivíduo adotaria com mais vigor as boas maneiras se, nele, fosse encontrado uma certa característica específica:

Há uma qualidade pessoal capaz de, não apenas facilitar os meios de “cura” das citadas deficiências, mas, ainda, de modificar inteiramente o aspecto das mais embaraçosas situações: a Alegria. A alegria, que pode ser manifestada por um simples sorriso, ajuda-nos a viver em sociedade e muitas vezes – ajuda a viver felizes os que vivem sozinhos.

A alegria é a principal medida para fugir das deficiências, ela faz bem não só a quem prática, como também a quem recebe. Torna as situações vividas mais fáceis para ambas às partes, em suma, é uma forma simples de começar a aprender a tratar o outro. Um sorriso, uma beleza a mais.

Ao que Dora Maria se refere “das citadas deficiências” trata-se de um tópico específico do manual “*Aprenda as Boas Maneiras*” onde ela retrata questões acerca da personalidade e da cortesia, segundo a autora, enquanto parafraseava Raumsol, existem “quarenta e quatro deficiências psicológicas, que devem ser eliminadas, por todos os que desejam se aperfeiçoar.” (ibidem, p.149) Dentre as deficiências, citamos: “falsa humanidade”, “soberbia”, “indiscrição” e “falta de vontade” que, segundo Dora Maria (ibidem, p.150), são características deficientes que comprometem o bem-estar da sociabilidade, visto que

As boas maneiras estão diretamente ligadas à alegria, não à alegria espalhafatosa dos desequilibrados, nem à alegria hipócrita dos recalcados, porém à sã alegria que se manifesta por um sorriso e vai até ao coração, unindo as criaturas e resolvendo os grandes problemas da vida...

Desta forma, pensar a etiqueta é muito mais do que regras de conduta pré-determinadas de como agir em diversas situações; etiqueta é, primeiramente, intrínseca, os manuais ajudam ao leitor indicando possíveis soluções e modelos de conduta, mas não determinam ou modificam personalidades, isso deve partir da própria pessoa, neste caso, do leitor.

Como dito anteriormente, não se trata de personalidade, mas de representação. A personalidade é construída de acordo com a trajetória de vida do indivíduo, podendo, sim, ser

de uma capa de revista, a beleza das outras corria o risco de parecer feiura.” (SANT'ANNA, 2014: 116)

alterada de acordo com as convivências e as necessidades que a vida lhes impõe. É o caso da figura feminina que deixa de exercer apenas o espaço doméstico para começar a habitar os novos espaços públicos, desde os de lazer aos de trabalho. Devido às imposições da vida, ela precisou aprender a se comportar nestes novos espaços, acrescentando, assim, à personalidade desta personagem novas características e novos modelos de conduta.

Os manuais de conduta, neste cenário, foram imprescindíveis, visto que eles auxiliariam aos cidadãos a ajuda que precisavam na formação de novos ideais, valores e definição de suas personalidades. Saber como conduzir a vida pessoal e a profissional não parecia ser uma tarefa fácil, principalmente diante do cenário a qual se apresentava: tratava-se de uma época que sucedia às famigeradas *femme fatales*¹⁵, as quais as mulheres começavam a conhecer e mostrar mais de sua sedução, depois de personagens como *Marylin Monroe*¹⁶, que a posteriori levaram à fama na década de 50 mulheres como *Twiggy*¹⁷ e *Mylène Demongeot*¹⁸, que inclusive afirmou: “não é mais importante para o público ver uma estrela sensual e glamourosa, imaculadamente bem arrumada com todos os fios de cabelo no lugar certo. Odeio os cabelos penteados de modo artificial”. (apud, idem, 2014: 111)

Em outras palavras, os padrões de beleza sofriam alterações recorrentes: As carnudas estrelas dos anos 50, como *Marilyn Monroe*, *Sophia Loren* ou *Anita Ekberg*, foram substituídas, nos 60, por criaturas esquiladas. O modelo? Certa *Twiggy*, uma inglesa sardenta e seus epígonos: *Kate Moss*, *Claudia Schiffer*, entre outras. (DEL PRIORE, 2000: 89) No Brasil, a década de 50 deu visibilidade às vedetes¹⁹, com destaque para *Anilza Leoni* e *Carmem Verônica*, consideradas como uma das mais belas e cobiçadas moças do país.

Manter-se bela na década de 50, principalmente para aqueles que faziam parte da juventude da época, caracterizava-se pelo estilo *sex appeal* que, em outras palavras, significa um modo mais confortável e prático de se vestir, de certa forma “rebeldes sem causa”, mascando chicletes e possuindo um vocabulário cheio de gírias e expressões da língua inglesa

¹⁵ Trata-se de um estereótipo muito retratado na literatura e no cinema de mulheres que, de forma geral, são extremamente sensuais, e deste modo, são capazes de conseguirem tudo o que querem, principalmente em sua relação quanto ao sexo oposto.

¹⁶ Foi uma atriz, cantora e modelo norte-americana entre as décadas de 40 a 60. Considerada pela mídia como um dos símbolos sexuais até hoje, dona da famosa imagem da loira de vestido branco que voa com os ares da tubulação novaiorquino.

¹⁷ Seu nome verdadeiro é Lesley Lawson, é uma modelo, atriz e cantora britânica. Famosa pelos seus cabelos loiros e curtos, e imensos olhos realçados com camadas de rímel e cílios postiços.

¹⁸ Atriz e produtora de cinema. Conhecida pelos seus cabelos loiros esvoaçantes, sensuais e provocantes. Destacou-se em filmes franceses como *Amor em Roma*.

¹⁹ Atrizes que se sobressaiam no teatro de revista, e que posteriormente, eram os grandes símbolos de beleza.

(provavelmente repercussão do sucesso do já mencionado *James Dean*), o perfil exigido pela moda da época ia em determinados momentos contra o exagero, inclusive quanto aos produtos de beleza.

Não há, portanto, uma linearidade histórica no que concerne aos cuidados com o corpo, beleza e postura. Busca-se, aqui, discutir as rupturas, as transgressões, as discontinuidades; mas vale ressaltar, que se houveram transgressões, foi porque houve também continuidades e tradição. Quando os novos conceitos e padrões de beleza chegavam em uma cidade como Campina Grande, não eram admitidos da mesma forma que no Rio de Janeiro, por exemplo, por questões culturais, sociais e econômicas.

No que diz respeito à cultura, trata-se de “(...) num conjunto global de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolizações e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve”. (MACEDO, 1985, p.35) Desta forma, em regiões mais tradicionais, como o Nordeste, usar certos artificios da moda advindos da Europa, dos EUA – grandes centros mundiais - poderiam ser entendidos de forma bastante negativa, repudiada, inclusive. A propaganda dos produtos desejados de beleza não era disseminada a todas, havia diferenças entre casadas e solteiras, jovens e adultas, boas senhoras e transgressoras.

Diante de todas as promessas advindas dos cosméticos de beleza, que era uma das conquistas e inovações da modernidade, e logo mais com a frequente divulgação desses produtos na mídia no geral, esses produtos se tornariam uma necessidade para as mulheres da década de 50, mas elas deviam ter o cuidado ao manuseá-los.

Não é a roupa que diminui a idade, pois uma mulher em plena maturidade pode possuir uma aparência de adolescente, se tiver um rosto jovial, sem o exagero de pintura que vulgariza a pessoa, um corpo ereto, uma voz agradável, um andar natural, ao passo que uma mocinha parecerá realmente envelhecida, se usar pintura nos olhos e nos cabelos e modelos demasiado avançados para a sua idade. (MARIA, 1961: 148-149)

Desta forma, o exagero na maquiagem causaria à boa senhora o olhar repulsivo daqueles que a cercam, visto que seria uma forma de propagar a vulgaridade, ou seja, o pudor ainda estava em vigência, mesmo depois de todas as inovações concedidas pela modernidade, tratava-se de uma linha tênue, o cuidado para consigo mesma que a mulher deveria ter, onde não poderia deixar de usar a maquiagem, pois a feiura²⁰ já se considerava injustificável, mas também não poderia usar em excesso, para não ferir a moral e os bons costumes da sociedade

²⁰ A feiúra, hoje tão universal quanto no passado, não tem história. Tampouco se escreveu a história da solidão e da dor, suas consequências mais imediatas. Há séculos, os feios servem de bode expiatório a sociedades muito seguras de suas verdades e do discurso de suas elites. (DEL PRIORE, 2000: 79)

brasileira, segundo o manual “*Aprenda as Boas Maneiras*”.

Em consequência disto, caberia à senhora ou a moça aderir à moda da forma mais aconselhável: “Obedecendo a estas pequenas normas, onde quer que esteja colocada em idade, estado social e financeiro, a mulher contribuirá com sua boa aparência para que se destaque em personalidade, no seu meio.” (MARIA, 1961: 149) Por exemplo, em detrimento a moda, Dora Maria aconselha a melhor forma de vestir-se, mas não no sentido de qual moda está em vigência ou sobre os padrões estabelecidos para a época, mas no que concerne ao jeito de se vestir:

Já o elemento feminino, se obriga a obedecer inúmeros outros detalhes, pois comumente são as mulheres escravas da moda. Mas, entretanto, a uma mulher inteligente, não se permite adotar qualquer característica da moda, pois os feitiços, as tonalidades e as colocações, variam de acordo com cada tipo. (idem, 1961: 148)

Na Figura 6 que se segue, é possível observar, não só a questão da vestimenta da senhora, como também da postura, o modo pelo qual ela prende o lenço em sua cabeça, a forma pela qual ela posiciona as mãos, o jeito a qual segura à bolsa, todas essas observações nos faz lembrar à elegância que a mulher brasileira deveria possuir. A boa performance percebida pela forma como se comporta, fazia circular a impressão de boas maneiras e refinamento. Haja vista que, os “cuidados de beleza, estão ligados aos de ordem e disciplina pessoal, pois da reunião dos mesmos resulta a mulher elegante”. (ibidem, 1961: 149)

FIGURA 6 - Vestimentas e postura adequada para mulher



Fonte: MARIA, Dora, 1961: 46.

Aqueles que não seguiam as normas expressas nos manuais de conduta poderiam ser sujeitos “a penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares que compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela normaliza.” (FOUCAULT, 1987: 163) A exclusão é pertinente, se uma mulher que pretende adentrar a um novo espaço seja o de trabalho ou os espaços de lazer, mas não sabe se comportar como a sociedade exige, logo, será excluída dos grupos de conversa, do bom olhar das outras perante sua imagem, a boa senhora deveria portar da elegância, se caso quisesse ser bem quista e, para tanto, precisava seguir as normas de conduta. Dora Maria, em detrimento a questão das normas, exemplifica: Obedecendo a estas pequenas normas, onde quer que esteja colocada em idade, estado social e financeiro, a mulher contribuirá com sua boa aparência para que se destaque em personalidade, no seu meio. (1961: 149)

Tendo em vista que a história é feita pelas significações atribuídas aos eventos, poderíamos pensar que “cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado aos textos de que se apropria” (CHARTIER, 2003: 20). Desta forma, aquele que lia os manuais de conduta, já possuía suas representações acerca de pudor, moda, etiqueta, etc., entretanto, após a leitura, os conceitos pré-estabelecidos poderiam sofrer rupturas ou serem ainda mais cristalizados. Segundo Chartier, os textos não têm sentido estável, universal, imóvel, mas são construídos na negociação entre uma proposição (do autor) e uma recepção (do leitor), no encontro entre as formas e os motivos que lhes dão sua estrutura e as competências ou as expectativas do público que deles se apropriam. (OLIVEIRA, 2011:72)

Posteriormente, é muito relativo o uso do manual de conduta: as suas finalidades determinadas pelos leitores e os entendimentos e significações atribuídos ao texto. É pertinente destacar que a leitura tem uma história e que a significação dos textos depende das “capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias às comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, os seus diferentes públicos”, como afirma Chartier (2006, p.35). Desta forma, os manuais de conduta são modos de expressão da linguagem e do pensamento, sistemas construtivos das realidades e dos modelos de conduta, sendo, portanto, produtos materiais da mediação entre as realidades pessoais e sociais. Não somente os manuais, como também a mídia e propaganda, vitrines de lojas de moda, os eletrodomésticos, todos os produtos que acompanharam a modernidade, podem ser compreendidos como

remodeladores do comportamento, remodeladores dos novos tempos.

Acompanhou a invenção do batom, em 1925, do desodorante, nos anos 50, cortou o cabelo *à la garçonne*, gesto sacrílego contra bastas cabeleiras do século XIX. O aprofundamento dos decotes levou a aderir à depilação. O espartilho, graças ao trabalho feminino nas fábricas, diminuiu e se transformou em *soutien* para possibilitar uma maior movimentação dos braços. “Manter a linha” tornou-se um culto. A magreza ativa foi a resposta do século à gordura passiva da *belle époque*. O *jeans* colado e a minissaia sucederam, nos anos 60, ao erotismo da mão na luva e das saias no meio dos tornozelos característicos dos anos 20. Com o desaparecimento da luva, essa capa sensual que funcionava ao mesmo tempo como freio e estímulo do desejo, surgiu o esmalte de unhas. (DEL PRIORE, 2000: 9-11)

Mary Del Priore resumiu os novos ditames alcançados pela história da moda, o que era passado, e modificou-se para o presente. O que a mulher ideal deveria utilizar para ascender sua beleza? As mulheres eram, frequentemente, convidadas a conhecer os novos padrões de beleza, adequando seus comportamentos às necessidades da sociedade de consumo emergente. Conseqüentemente, “menos do que um dom, a beleza foi interpretada como o resultado de uma conquista individual, um trabalho que não tem hora nem lugar para começar ou para acabar.” (SANT’ANNA, 2014: 119)

A história da beleza perpassa a história da mulher no seu encontro com o trabalho fora de casa, transmitindo, assim, à boa senhora, meios de se posicionar diante de seus colegas de trabalho sem perder a classe e a feminilidade, visto que, para transmitir força e autonomia, a mulher não precisaria, necessariamente, perder seu lado feminino, muito pelo contrário, em muitos momentos, podem ter sido empregadas mulheres ao invés de homens, justamente por causa de sua feminilidade, visto que para determinados trabalhos as características geralmente atribuídas ao sexo feminino são muito necessárias, por exemplo, paciência, sutileza, graça, enfim, ser mulher feminina não era empecilho para aquela que quisesse trabalhar fora, e se bem empregado à elegância.

Estas mulheres que decidiam enfrentar a vida do mercado de trabalho deveriam preparar-se para enfrentar uma alta carga horária, tarefas menos especializadas e mau remuneração. Além de passarem por muitas situações hostis, desde a variação salarial, intimidação física, desqualificação intelectual e assédio sexual. A mulher que trabalhasse poderia representar uma ameaça à honra feminina, principalmente as operárias, que eram as mais mal vistas. (RAGO, 1995/1996)

Como já colocou Sennett (1994, p.254) “independência e autonomia só despertam quando há alguma impureza, dificuldade e obstrução, como partes da sua própria experiência. (...) O corpo só se torna vivo ao lidar com dificuldades e superá-las.”. Assim, diante de todas essas dificuldades, em complexidades que poderiam ser atribuídas ao trabalho, as boas

condutas expressadas nos manuais faziam transitar modos de fugir dessa realidade hostil para, gradualmente, construir um modo de conviver, com mais respeito. A elegância feminina e a conduta impecável, sempre atrelada à higiene, à sutileza e a alegria, permitiriam o bom convívio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou ilustrar a necessidade do uso e dos questionamentos de fontes como os manuais de conduta, pois neles, é possível encontrar e desvendar uma diversidade histórica imensa. Nesta pesquisa, encontramos distintos perfis para a figura feminina, tentamos analisar quais eram os melhores jeitos e trejeitos para se comportar frente à sociedade que, ao decorrer do tempo, muda. Buscou-se, também, responder qual seria o modelo de “mulher ideal” sugerido por esses livros, assim como pensar algumas imagens e alguns conselhos dados pela Dora Maria e Vera Sterblitch, escritoras dos manuais “*Aprenda as Boas Maneiras*”; e “*Tudo o Que Uma Dona de Casa Deve Saber*”, respectivamente. Essa é uma pesquisa ainda em andamento, que pretende se estender. Ainda há muito o que se decodificar nestes manuais de conduta citados, mas não só a eles, podemos, e devemos, adquirir outros manuais para expandir nossos conhecimentos e pensar novas questões, não abandonando nosso amor pela história cultural, de gênero e, em especial a da mulher brasileira.

Algumas dificuldades surgiram durante a análise deste trabalho, dentre as quais, pensar uma mulher de uma época passada, tão heterogênea e tão ampla, não é uma tarefa fácil, até mesmo porque não falávamos por uma mulher, mas sim por tantas e tantas mulheres que compuseram o Brasil entre as décadas de 1950 e 1960 e que participaram na prática, das histórias que aqui tentamos contar. Como se não bastasse toda essa imensidão e diversidade, nós falávamos por um heterogêneo ambíguo, um maniqueísmo em forma de mulher, por um lado, encontrávamo-nos com a pudicícia e todo o seu recato, por outro, a sensualidade e toda a sua exibição, e pensar a representatividade disso, que poderia ser uma mesma mulher recatada e despudorada nos momentos que melhor lhe conviesse, era um desafio.

Pensem mais os cotidianos das pessoas, nas suas nuances e nas suas belezas. Eles são ricos e cheios de vida, de histórias e de regras, como as regras presentes nos manuais de condutas, tão convidativos para a sociedade que quer ser padrão²¹, inclusive em

²¹ Padrões de vida geralmente associados pela historiografia ao dos Estados Unidos e/ou Europeu, como dito no início da pesquisa.

comportamento.

REFERÊNCIAS

AGRA do Ó, Alarcon. **Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de Cidade – Campina Grande (1959)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

ALBUQUERQUE, J. D. M. **Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920-1940)**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. O fascínio da Identidade. In: SILVA, Fábio R. da. MONTENEGRO, Rosilene. AZEVÊDO, Sandra R. dos S. (Orgs) **Gênero e identidades sexuais práticas e representações sociais**. Campina Grande: EDUFPG, 2012.

ALMEIDA, M. A. B. De, GUTIERREZ, G. L. **Análise do desenvolvimento das práticas urbanas de lazer relacionadas a produção cultural no período nacional-desenvolvimentista à globalização**. Rev. bras. educ. fis. esporte (Impr.), vol.25, no.1, São Paulo Jan./Mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092011000100013> Acesso em 13 de fevereiro de 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIOGRAFIA – James Dean. Disponível em: <http://www.jamesdean.com/about/bio.html>> Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

BRUHNS, Heloisa T. **Corpos femininos na relação com a cultura**. In: Corpo, mulher e sociedade. ROMERO, Elaine (org.) Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar/ Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A “nova” história cultural existe?** In: LOPES, Antônio H.; VELLOSO, Monica P.; PESAVENTO, Sandra J. *História e Linguagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

_____. **Formas e sentido. Cultura escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2003.

_____. **História cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CUNHA, F. S. **História & Sociologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador. Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, v.1, 1990.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GOMES, A. C. (Org). **Escrita de Si, Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- MACEDO, Carmen C. “Algumas observações sobre a questão da cultura do povo”. In: E. Valle e J. J. Queiróz (orgs.). **A cultura do povo**. 3ª ed. , São Paulo, Cortez, 1985.
- MARIA, Dora. **Aprenda as Boas Maneiras**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1958.
- OLIVEIRA, I. B. **Façamos a família à nossa imagem: A construção de conceitos de família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30)**. Recife: UFPE, 2002, 348 f, Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade – A França no Século XIX**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: Operário, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann, 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- RAGO, M. **Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil**. Cadernos AEL, n. 3/4, 1995/1996. <http://www.ael.ifch.unicamp.br/publicacoes_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/151/152> Acesso em 19 de junho de 2014.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em História**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, Fapesp, 2003.
- SANT'ANNA, D. B. de **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.
- SANTOS, Lídia Noêmia. **Brotinhos e seus Problemas: Juventude e Gênero na Imprensa Fortalezaense da Década de 1950**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- STERBLITCH, Vera. **O Que Toda a Dona de Casa Deve Saber**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1958.

ANEXO**(QUESTIONÁRIO)****PERSONALIDADE E CORTESIA****Analise a Sua Personalidade!**

- 1 — Você cultiva bons hábitos?
- 2 — Fazem parte de sua personalidade, as regras de higiene e de boa aparência na maneira de vestir-se?
- 3 — Dirige o seu guarda-roupa em paralelo à sua idade? E ao seu sexo?
- 4 — Procura eliminar as deficiências psicológicas mais pronunciadas?
- 5 — Encara alegremente a vida?
- 6 — Empenha-se em ligar diretamente a sinceridade à sociedade em que vive?
- 7 — Aceita as críticas construtivas?
- 8 — Evita de apontar erros alheios, antes de corrigir os próprios?
- 9 — Enfim, já se deu ao trabalho de conhecer-se a si mesmo?